



Anexo 2

Entrevista ao professor 2 (Coordenadora dos Directores de Turma)



ENTREVISTA 2

Identificação: Célia Barbosa

Idade: 36

Sexo: Feminino

Nível de Ensino: Básico e Secundário

Grupo Disciplinar: Geografia

Tempo de Serviço: 14

Categoria: Professora/ Coordenadora dos
Directores de Turma

Situação Profissional: Professora do Quadro de Nomeação Definitiva

Entrevista: Sujeito 2 (transcrição literal)

Entrevistador (E) - Antes de mais boa -tarde! Em primeiro lugar gostaria de agradecer a sua disponibilidade para participar nesta entrevista. Quero-lhe agradecer também o facto de autorizar que ela fosse gravada em áudio. Esta entrevista enquadra-se num eventual estudo sobre a forma como os professores vêem a educação intercultural na sua prática pedagógica.

Então começaria por lhe perguntar o que entende ou o que é para si a cultura?

S2 (P) - Eu que sou de geografia e tenho muita coisa a ver com aquilo que é cultural. A cultura para mim é tudo aquilo que permite distinguir e diferenciar grupos sociais: costumes, valores, línguas, tradições, signos. Para mim tudo isso é cultura.

E - Dos alunos que já conheceu e com os quais teve oportunidade portanto de lidar, a sua adaptação à cultura, a uma nova realidade, a novos costumes, novas tradições. Como é que conseguiu perceber também isso na experiência que já tem?

S2- No caso do Dimitri, veio directamente da Bielorrússia logo directamente para o ensino, não teve qualquer período de adaptação, portanto, ele chegou de um país estrangeiro, Bielorrússia, sem conhecer a língua. Penso que teve uma adaptação muito fácil, mas os pais já cá estavam, portanto, os pais já tinham vindo anteriormente e

também ajudaram nessa integração. Os professores também tiveram um papel muito importante na integração do Dimitri. Claro que ele inicialmente se mostrava muito tímido, muito reservado, mas com o evoluir do ano lectivo ele foi-se abrindo e as coisas foram sendo mais fáceis. O Alexander, quando eu o apanhei ele já tinha passado o 7º ano e o 8º no processo de sociabilização que eu não sei como é que foi, ou seja, eu apanhei-o no 9º ano e já achei que ele estava muito bem integrado. Aliás, os colegas, também, penso eu que tiveram um papel muitíssimo importante nessa integração.

E - Até que ponto é que os professores, naquilo que fazem e também na relação com os outros colegas, até que ponto é que de facto estão predispostos a receber, a compreender, a aprender e a aceitar também, portanto, as diferentes culturas que hoje mais do que nunca se cruzam no contexto escolar?

S2– Hoje em dia, acho que isso é um facto evidente e consumado. Hoje em dia a escola é uma escola de massas, portanto, não há discriminação social, portanto, está aberta a todos os grupos sociais e eu acho que houve uma evolução a esse nível. Já houve legislação nesse sentido, por exemplo, nomeadamente com a língua portuguesa não materna, e já há uma preocupação em termos pedagógicos dar um acompanhamento mais especializado a estes alunos que vêm de culturas diferentes, não só de países diferentes mas também de etnias diferentes. Ou seja, hoje em dia, a escola já dispõe de um vasto conjunto de mecanismos e recursos para responder a estas situações e é uma das coisas que eu tenho reforçado como Coordenadora de Directores de Turma do 2 e 3º ciclo.

E – Mas, conte-nos um bocadinho mais, se possível, das vivências que já teve com os alunos da Inglaterra ou da Ucrânia. Acha que aprendeu alguma coisa com eles? Foi enriquecedora a experiência, apesar de ser professora de Geografia, também deu mais valor à cultura, aos costumes, às tradições, às vivências também que os alunos deram ou acha que o facto de ter aqueles alunos na turma passava despercebido?

S2– Não, não, não passava despercebido. Havia situações muito engraçadas, por exemplo, no 7º ano lembro-me perfeitamente quando nós dávamos e damos os países da Europa, a caracterização dos países da Europa, eles falam sempre do seu país, e mostram aos colegas não só os aspectos geográficos, mas os aspectos culturais, e sempre que fazemos essa caracterização eles próprios gostam de falar dos países. E depois também ensinam aos colegas palavras e termos... eu muitas vezes solicitava e dizia como é que diz este termo na tua língua e eles estavam sempre dispostos a ajudar.

E valorizava sempre a sua intervenção, ou seja, para os colegas também verem que o facto de terem um colega de uma nacionalidade diferente na sala podia ser uma mais-valia para eles, para estarem atentos a outras realidades, a outras vivências, a outros costumes... e isso foi sempre valorizado, valorizei sempre.

E – Quando se fala nesta questão também, acha que a questão dos estereótipos ou preconceitos pode estar também subjacente a este tipo de vivências de várias culturas mesmo até no contexto escolar. Da experiência que já tem, acha que existiu isso ou não?

S2– Não, com os alunos que eu tive, não. Mas reconheço que, por exemplo, com os alunos de etnia cigana se calhar esses estereótipos são mais visíveis. Mas com os alunos da Bielorrússia, não, penso que não houve qualquer tipo de discriminação, não houve qualquer tipo de diferenciação entre eles e os colegas da turma.

E - Muito bem. Mas, falando nessa questão dos alunos de etnia cigana, acha que de facto isso constitui um problema...com a escola ou o sistema de ensino... são de alguma forma discriminados, não só pelos próprios colegas, mas os próprios professores também sentem que ali há qualquer coisa de diferente, que os próprios alunos não conseguem também integrar-se, e que eles também não podem ajudar?

S2– Nunca tive nenhum aluno da etnia cigana... mas parece, aquilo que percepciono, é que existe alguma discriminação por parte dos colegas de turma, os colegas muitas das vezes não aceitam muito bem alguns valores relacionados com a etnia cigana...discriminam muito também os colegas pelo aspecto visual e pela maneira de vestir... hoje, eu penso que a maior parte dos professores não tem esse tipo de atitude e tenta resolver estes conflitos que eventualmente possam surgir nas turmas com estes alunos, e tenta resolver na turma. Penso que os professores e eu falo por mim, nunca iriam discriminar um aluno por ser de etnia cigana.

E - De saber, já por si, que aquela cultura tem determinadas características e que de alguma forma também se reflectem na escola e naquilo que se faz na escola...acha que é sempre assim ou que de alguma forma ainda haverá casos de professores, de docentes, que têm alguma má vontade para aceitarem as coisas também como normais, digamos assim, porque apesar de cada cultura ter as suas características, ter a forma de estar e de ser, acha que tem havido alguma evolução?

S2- Tem havido uma evolução, isso claramente, tem havido uma evolução porque a escola tornou-se de facto um espaço democrático, multicultural. Mas que há de facto ainda algum preconceito relativamente a determinadas etnias, penso que sim, se bem que houve uma evolução muito grande nesse aspecto.

E - Falou à bocadinha da experiência que teve com alunos búlgaros, bielorrussos... mas que nunca teve neste caso alunos de etnia cigana... mas como é que vê este facto: numa situação de conflito, alguém que é bielorrusso, alguém que é de etnia cigana, como é que dois alunos provenientes de culturas diferentes vêem a questão da resolução do conflito da mesma forma, ou como é que eles vêem a escola no seu todo...acha que há diferenças, acha que de facto as visões são iguais?

S2 - Têm uma visão muito própria, e se calhar valorizam a escola de maneiras diferenciadas. Eu estou a lembrar-me do Dimitriu, que valorizava muito a escola e valorizava muito o estudo e porque sempre foi inculcado pelo agregado familiar a importância do estudo e da escola. Contrariamente à etnia cigana, que é uma etnia que valoriza outras tradições, outras formas de transmissão de conhecimentos para além da escola, ou seja, não é dada à escola o principal veículo de transmissão de conhecimentos. É importante mas não é o principal. Ou seja, eles têm uma visão diferente daquilo que é a escola.

E - E quando se fala, por exemplo, na questão da educação intercultural que se aborda cada vez mais e que está mais presente também no nosso contexto escolar, o que é que acha que poderia ser feito para ajudar a evidenciar nas práticas pedagógicas e em todos os projectos que se desenvolvem na escola, esta nova realidade? Acha que a escola está preparada e está a caminhar no bom sentido?

S2- Eu acho que é sempre possível fazer mais do que aquilo que se faz, e é sempre possível fazer melhor e mais do que aquilo que se faz. O que eu penso relativamente a este tema da interculturalidade num espaço escolar, é que se pode fazer mais relativamente a estes alunos, como por exemplo, promover a divulgação a toda a comunidade escolar da sua própria cultura. Eu acho que é uma coisa que ainda não se faz muito. Ou seja, estes alunos trazem consigo hábitos e costumes que eles muitas vezes acabam por perder porque são integrados na nossa maneira de viver e na nossa

maneira de estar, e não tem de ser necessariamente assim. Ou seja, nós também podemos aprender e conhecer as suas tradições e a sua maneira de estar e a sua maneira de pensar. Eu acho que as escolas deviam também promover espaços de exposição, de discussão.

E – Considera, portanto, que a Escola devia fazer mais alguma coisa para que a educação intercultural fosse cada vez mais uma realidade que tivesse implícita nos projectos que se desenvolvem, na prática pedagógica e estava a dizer que sim, que estamos no bom caminho, mas que era importante valorizar...

S2– Claro...no caso concreto, este tema é me muito familiar e muito próximo, eu trato frequentemente este tema nas minhas aulas, nomeadamente no 8º ano, quando damos os movimentos migratórios. Falamos muito sobre a aculturação, ou seja, quando estas comunidades vêm para Portugal e sofrem um processo de aculturação, mas também falamos no processo inverso que é difusão cultural, ou seja, aquilo que eles trazem de novo para a sociedade onde nós estamos. E acabo sempre por alertar os alunos para estas duas situações, ou seja, é importante as pessoas se integrarem, sentirem-se bem, não sofrerem fenómenos de xenofobia, mas também é importante que eles próprios divulguem tudo aquilo que trazem, toda a sua maneira de estar e de pensar. As Escolas têm de aproveitar isso mesmo, ou seja, têm que sentir, têm que fazer sentir a estes alunos que estão num ambiente acolhedor, familiar, em que eles se sintam bem, mas também têm que proporcionar a estes alunos formas de mostrar a sua maneira de estar e a sua maneira de viver, que pode não ser exactamente a mesma dos restantes colegas da turma, ou seja, tem que haver estas duas situações e as Escolas nesse caso podem fazer muito mais, podem fazer isso através de projectos de turma, podem fazer isso através de exposições, podem fazer isso através de colóquios, um conjunto de actividades que podem ser definidas logo no início do ano.

E– O facto da escola, por si só, ser um meio que acolhe uma nova cultura, acha que isso também pode implicar que alguém possa perder também alguns traços culturais?

S2 – Há sempre o fenómeno da aculturação. Uma pessoa que vem de fora tenta sempre ser integrada, e para ser integrada tem que ter os mesmos procedimentos e tem que ter o mesmo tipo de conduta que tem a maior parte da população, e tende... há uma tendência para se perder alguns traços. Claro, que isso tem a ver com o sistema familiar, se no sistema familiar há uma perpetuação dos valores, se no sistema familiar há uma tradição

de manter vivo tudo aquilo que os caracteriza ou se, pelo contrário, há na família mais uma pressão para se integrarem na cultura dominante.

E- E o desafio que de facto é lançado e que nos faz pensar e que também nos responsabiliza como professores...

S2 - Nós vivemos numa sociedade globalizante e os traços, hoje em dia, vão-se perdendo. Ou seja, estamos a tornar numa sociedade muito homogénea, pouco heterogénea, ou seja, determinados valores são valores universais e que são transversais a todas as culturas, a todas as sociedades e a todos os grupos sociais. Eu penso que este fenómeno da globalização interfere muito nas características identitárias de um grupo social.

E – Como última questão, um bocadinho mais complexa, digamos assim, mas também nos faz pensar, gostava que também me ajudasse neste caso a compreender como é que cada um de nós pode contribuir para tornar o contexto de intervenção mais cooperativo. De alguma forma, a resposta já foi dada, pronto, naquilo que foi desenvolvendo ao longo da nossa conversa, mas para que de facto a Escola reflectisse no seu todo, a questão da interculturalidade como uma realidade visível, concreta, objectiva, o que é que se pode fazer ainda mais para que cada... e estamos a falar mais da questão dos docentes, o que é que se pode fazer para que de facto os docentes procurem a formação específica sobre a matéria ou basta a predisposição natural de cada um de nós para essa questão?

S2- Relativamente a essa questão, eu penso que há vários pontos. Primeiro, há as características pessoais de cada um. E nas características pessoais de cada um, eu penso que qualquer pessoa que é docente tem como característica fazer o melhor por cada um dos seus alunos, independentemente da nacionalidade ou do grupo social donde vem. Depois, há a política educativa, a política da Escola. E na política da Escola, eu acho que nas diferentes estruturas tem que haver uma preocupação em contemplar estas situações, nomeadamente, respeitar as diferenças, nomeadamente em termos linguísticos, e apoiar estes alunos de uma maneira mais eficaz, nomeadamente, com recursos a aulas individualizadas, aulas de apoio para superar algumas dificuldades que eles tenham a nível da linguagem. Se necessário, fazer alguma formação, porque as

escolas também têm de estar atentas a esta realidade. Se os professores considerarem que não têm uma formação adequada para dar resposta a esta situação, a Escola deverá ter essa preocupação em fornecer formação aos professores para lidarem da melhor maneira possível com estas diferenças sociais e culturais.

E – Mas acha então que isto é um desafio que é lançado às Escolas?

S2- A Escola é o principal espaço de sociabilização onde nós vivemos. Ou seja, os pais não têm tempo hoje em dia para dedicar aos filhos o tempo que gostariam e acabam por delegar na Escola o papel de formador e de socializador. E portanto, nesse aspecto, a Escola tem um papel fundamental, nomeadamente para lidar com estas diferenças culturais que existem entre os diferentes grupos e de tentar integrar no seu espaço estes alunos.

E -Esta era a última questão que eu tinha para lhe colocar, resta-me agradecer mais uma vez a sua disponibilidade para esta entrevista e desejar-lhe um bom resto de dia.

S2 - Muito obrigada, não tem nada que agradecer, foi um prazer e felicidades para o seu trabalho.